

## Prefácio

# Olhar por cima do ombro

*Rui Tavares*

Ao ler este livro de Paulo Granjo tive por diversas vezes a sensação de que estava a espreitar-lhe por cima do ombro: quando ele organizava os textos que compõem este volume, ao descer uma rua de Maputo, ao ver um telejornal em Portugal.

O primeiro exemplo recordava-me a minha experiência como historiador, frente a uma caixa de documentos, num arquivo: retiramos um documento, mergulhamos nele, tentamos entender como se relaciona com os outros documentos, avançamos fascinados com as diferenças entre uns documentos e outros. Temos familiaridade com alguns documentos, os outros surpreendem-nos pela sua estranheza. Alguns podem ser mais recentes, os outros mais antigos. Uns têm a ver com acontecimentos que vivemos e de que nos lembramos, os outros não seríamos capazes de imaginar. Este livro de Paulo Granjo, ao tecer todos os seus fragmentos numa espécie de feitiço contínuo, é capaz de recuperar o prazer e o interesse dessa experiência.

A terceira experiência eu também partilho, enquanto vivente destes tempos. São tempos duros. Indignamo-nos, perdemos as forças, animamo-nos de novo, escandalizamo-nos, tentamos mobilizar-nos a nós e aos outros, quantas vezes nos zangamos e exasperamos com essas tentativas, informamo-nos e tentamos alertar, e o processo começa de novo. A cada nova notícia, a cada novo telejornal, a cada consulta repetida dos blogues e das redes sociais, vivemos numa montanha-russa emocional. O Paulo Granjo deixa transparecer todos esses sentimentos, mas num ritmo que é reflexivo e de uma participação observada.

Mas a segunda experiência — essa eu nunca tive. Nunca desci uma rua de Maputo, nunca me cruzei com os seus habitantes, não sei a diferença entre o betão e o caniço, não apanhei nunca uma molha das suas chuvas torrenciais, não ouvi nunca os profissionais do humanitarismo conversar

sobre orçamentos da sua ONG na mesa do café ao lado da minha. E essas, no entanto, são as parcelas do livro de Paulo Granjo em que mais me sinto privilegiado por olhar por cima do seu ombro – e ver o olhar de quem se cruza comigo.

Foi aí que me lembrei de onde vinha esta metáfora. Numa aula do meu curso de história, há mais de vinte anos, um dos meus melhores professores fazia uma distinção entre um olhar do sociólogo ou mais ainda do demógrafo, olhando a sociedade de cima, e o olhar do antropólogo, olhando por cima do ombro dos indivíduos, e vendo o olhar de quem se cruza com eles. Esta metáfora regressou à minha mente, sub-repticiamente, lendo este livro.

Paulo Granjo tem a capacidade de nos levar com ele a ver as coisas por cima do seu ombro, mas também de ver os olhares de quem se cruza com ele. Esse é um hábito, ou talvez um talento de antropólogo, da sua observação participada. Mas igualmente este é um livro de cidadão em tempos de crise, daquilo a que eu em cima chamei «participação observada». Ou seja, uma participação que não é um frémio narcisista nem uma competição pelo ascendente e poder num campo político, mas uma participação que se observa a si mesma, com os seus limites e potenciais, fraquezas e forças.

Ao passo que o antropólogo olha por cima do ombro dos outros, o cidadão é hoje forçado a olhar por cima do seu próprio ombro, uma vez mais e infelizmente, para surpreender as novas formas de vigilância e repressão, por receio de incursões de denegação de direitos, para poder esquivar-se às perseguições sempiternas dos autoritários políticos e, na medida do possível, de tudo isso tentar alertar os outros humanos.

Este livro tem, na mesma medida, esses dois olhares – o que vem da imaginação interpretativa do antropólogo e o que nasce da vontade fraterna do cidadão.